

Entrevista concedida pelo sertanista da FUNAI Sidney Possuelo a Carlos A. Ricardo e Vincent Carelli, em Campinas (SP), em 31.10.86, registrada em fita magnética e vídeo.

Assunto: Caso dos "arredios" do Ig. Omerê, município de Cerejeiras-Rondônia/Frentes de Atração /Interdição de Área/FUNAI.

VC: - Acho que a gente podia começar para dar um apanhado geral... você é, parece que... coordenador para Assuntos de Índios Arredios e Frentes de Atração da FUNAI...

(conversas paralelas) parece... não sei... se você tem um trabalho... um balanço mais ou menos, em que pé está a situação de grupos arredios em termos de número e das frentes de atração para atender a este movimento. Como é que está.

CAR: - Qual que é a política da FUNAI hoje em relação a grupos arredios ? Como é que é esta coisa ?

VC: - Uma idéia geral...

SP: - Já estão gravando ?

O que eu tenho proposto... fazem mais ou menos oito anos direto que eu estou dentro de Brasília lutando exatamente para que se criasse em Brasília um setor específico para índios arredios. Isto baseado em que ? Baseado em que o índio arredio, de toda a clientela da FUNAI, segundo a minha visão e o que eu tenho lá proposto lá para eles, o índio arredio é o mais dependente das ações diretas. Qualquer ação em favor do índio arredio tem que necessariamente partir da FUNAI, porque o índio arredio está isolado no meio do mato e ele não tem nenhum braço político, não tem uma organização... não tem nada que o represente dentro de Brasília. Então, a FUNAI deve ir ao en

contro das necessidades deles. Então, eu tenho proposto o seguinte: que nós, em primeiro lugar, fizessemos um levantamento sistemático de onde estão localizados os grupos arredios dentro do Brasil. A gente sabe de informações, algumas são precisas, outras não correspondem à realidade e outras são pura invenção. Então, a gente precisava fazer um trabalho de levantamento, ver aonde é que realmente este pessoal está... e mapear. Baseados já nisto, quer dizer, aonde estão e em que situação se encontram, aí, se proporia um trabalho para cada situação.

Então, haveria grupos que devido a tranquilidade em que eles ainda possam estar vivendo, nós não faríamos absolutamente nada a não ser, por exemplo, delimitar, fazer uma interdição de área. Outros grupos, digamos que já seria necessário que nós efetuássemos... alguns postos de vigilância, parque, já tem gente próxima à área... parque já cria conflitos... e outras seria até para atração, fazer até o primeiro contato.

Então, a localização destes índios, ela não tem o objetivo de, obrigatoriamente localizado um índio, você chegar e fazer o contato, pelo contrário era mapear. De posse deste mapa, você, pelo menos de início, você já podia fazer o seguinte: você já podia fornecer para o IBDF, para o INCRA, para estes departamentos de estradas de rodagem, esta coisa toda, avisando: "olha, nestas áreas, nestas regiões existem grupos arredios, cuja área já está interdita e vocês não façam nada ali."

Era uma tentativa de a gente chegar antes, do que eternamente a reboque na questão das frentes de atração. Nós chegamos sempre depois do fato consumado, o que torna mais difícil a atração... fica mais difícil a atração que nós fizemos aí... demorar mais de uma década... 12 anos, 13 anos fazendo e com uma perda de vida da FUNAI imensa, muito grande. A quantidade de servidores da FUNAI que morreram nas frentes de atração é muito alta, desde o advento da Transamazônica, 67, 68, por aí, assim que começou, uma quantidade muito grande de gente massacrada.

Então, o que teria que ser feito é exatamente isto, uma ação preventiva. Vamos localizar, vamos ver, vamos estudar a situação deles e vamos protegê-los. Não necessariamente contatá-los, mas, se for o caso, também contatar.

Então, basicamente era esta.

Esta situação eu já apresentei dez mil vezes para a FUNAI, a FUNAI se interessa por um momento depois vê... e fica nu

ma situação em que até agora, de concreto, só tem só eu, que fico tentando fazer este tipo de trabalho, acertando uma coisa... Mas é só eu sozinho, e fica muito difícil. Com o presidente Jucá há um interesse demonstrado, um interesse, mas também devido a problemas internos... nós estamos sob um regime, um regimento interno provisório - um plano de cargos e salários provisório, com eleições agora no dia 15 de novembro próximo - tem um monte de coisa, que tudo isto está atrapalhando eternamente. Atrapalha vo cê fazer um planejamento a longo prazo, que está todo mun do dependendo do resultado de eleições para traçar o seu futuro.

Então, fica muito difícil e a gente está sempre na dependência, quando não é de verbas é de problema político e quando não é de problemas políticos é de falta de pessoal, quando não é falta de pessoal é... enfim, sempre tem empecilhos.

É muito difícil a questão do índio arredio porque a FUNAI prefere atender diretamente as comunidades que estão ligadas a ela, que vão em Brasília e reivindicam e têm força política de fazer pressão, levantando mais gente do que índio arredio. O índio arredio não aparece, ele fica morrendo lá no meio do mato, ou então, só aparece quando a coisa já está consumada, como por exemplo: os índios mataram fulano de tal; uma equipe de tal lugar assim e assim, entrou na área e atirou em cima dos índios, quer dizer, este tipo de coisas. Era isto que, a idéia que a gente tem, isto é, seria de eliminar este tipo de confronto, e a gente chegar primeiro.

Basicamente é isto.

CAR: - Quer dizer que, hoje em dia, a FUNAI todavia não tem um levantamento sobre os índios arredios ?

SP: - Não, não tem.

CAR: - Nem tem uma estratégia definida ?

SP: - Também definida não.

Normalmente, como a questão basicamente de todo índio arredio passa pela minha mão, então eu tento impingir este tipo de idéia que eu estou falando para vocês... de manter... que a FUNAI, por exemplo, já foi o tempo em que, por exemplo: o sertanista tal, a delegacia tal, por motivos muitas vezes de interesse da própria delegacia, vai fazer atração de tal índio - "Vamos fazer aquele tipo de contato", o que eu acho que não deve porque tem que ter

normas para se fazer isto.

Então, por que fazer atração ?

Então, tem que justificar: qual é o perigo que está ameaçando este grupo ?

É necessário fazer a atração ?

Então, como nós vamos fazer a atração ?

Vamos fazer dotação de recursos mensal para que não haja o que sempre aconteceu: começa a dotar de recursos e de repente há uma falta de verbas e a primeira verba que se corta é a verba das frentes de atração, quando o índio é mais carente nos primeiros contatos, que você gasta uma quantidade imensa de dinheiro em transporte, medicamentos, não é? Principalmente a questão de saúde, e você segurar aquilo tudo. Então, é tudo muito difícil, né ... Se fosse fácil já teria sido feito por todo mundo, mas é isto aí.

CAR: - Quais são as frentes de atração ativas, hoje ?

SP: - Olha, basicamente todas as frentes ativas hoje, com exceção de uma no Iriri, todas as outras já mantiveram contatos. Nós tínhamos a frente Arara, que na verdade era um complexo que pegava a frente de atração na curva grande do Iriri, os Arara 1 e Arara 2 e Paracaná. É uma frente muito grande que tinha diversos grupos que nós cuidávamos. Estes grupos já foram contatados, com exceção da curva grande do Iriri, é um grupo que possivelmente seja de..... e a gente também não sabe direito, tá lá. É a única frente que está ali no Pará.

Fora isto, você também tem em Rondônia, você tem o Zoró, você tem Karipuna, você tem Aruê Uá Uá que também estão, todas elas, com índios já contatados. Então, de frente nova, propriamente dita, ainda não temos nenhuma frente nova. Possivelmente vai sair uma agora na área, próxima à área dos Karipuna, que é com outro grupo arredio que não é Karipuna, que a gente também não sabe e precisava fazer um levantamento.

Então, nós estamos basicamente com muitos problemas com relação a índios arredios que aparecem no Acre. Problema de índio fronteiriço que atravessa a fronteira, ataca os índios brasileiros e volta para lá... são parentes, né, a mesma tribo, né... não tem distinção de limites de fronteira para eles e..... nós temos aonde ?

Nós temos as áreas do norte do Pará, o vale do Cumãnapanema por exemplo, lá para cima aonde nós já temos ... segundo informações, haverá um trecho da Perimetral Norte passando por lá. Há pesquisa de minério em cima da área... há

diversas informações de grupos arredios lá em cima... entende ? E com tudo isso nós precisamos...nós não fazemos nada... nós estamos sabendo que estas coisas vão acontecer, estão acontecendo e nós estamos simplesmente parados, sem fazer nada.

CAR: - Agora, fala-se que o governo da Nova República vai divulgar o Plano de Desenvolvimento da Amazônia, no qual o Projeto Calha Norte é um dos projetos e tal..., há alguma explanação da FUNAI, como por exemplo, o Calha Norte em função dos grupos arredios ?

SP: - Olha, não sei, eu não tenho participado de nenhuma reunião a este respeito. Eu sei que existe, que se recebe verba em função do Polonoroeste... do Polacre, enfim mas do Calha Norte eu ainda não sei nada. Ainda não falaram nada a respeito.

CAR: - Quando é que apareceu para você, pela primeira vez, a informação da existência de um grupo arredio na região do Igarapé Omerê ?

SP: - Bom, o caso Omerê.

CAR: - Como é que aconteceu ?

SP: - O caso Omerê é um desses casos típicos, certo ?, da falta de uma atuação preventiva da FUNAI. O caso Omerê;ele começa muitos anos antes, a delegacia na região já sabia há muito tempo que ali tinha índio, certo ?

CAR: - Desde quando ?

SP: - Ah, eu não sei, um dos relatórios deles...em 84 eles falam que pegaram uma flecha num ataque desses índios lá na área, e tal ... isto no relatório do técnico indigenista lá... o rapaz que foi lá pela primeira vez.

Eu soube do problema através do relatório dele, onde ele dizia que na área do Omerê existia um grupo arredio e, inclusive, dizia de possível ataque de fazendeiros que teriam atirado e matado aqueles índios e tal.

Bom, aquilo foi para mim em Brasília e eu peguei e fui, so brevoei lá o Omerê. No dia em que eu sobrevoei eu vi uma pequena aldeia, aldeia não, uma pequena roça e um tapirizinho, desses tapirizinhos típicos de índio. Mas de uma família, um grupo familiar, não era mais do que isto não, um grupo familiar.

Bom, a minha providência foi que, imediatamente, eu solicitei a interdição de área. Isto já era uma coisa que a delegacia da região já devia ter tomado anos antes, não preci-

sa eu sair de lá para ir solicitar interdição de área, qual quer um pede interdição de área.

Bom, mas ninguém tinha pedido. Eu pedi a interdição de área e voltei a Brasília.

Este relatório do rapaz, do Marcelo... o relatório do Marcelo foi embora para Brasília e foi feito... basicamente desdobrado em duas consequências: 1ª consequência foi que o presidente da FUNAI, junto com a jurídica, pediu que o Departamento de Polícia Federal abrisse um inquérito, fosse à região para levantar causas de possível massacre ... possível ocorrência de massacre. A 2ª, baixou uma portaria para mim, para que eu fosse lá e dentro da área que eu mesmo havia interditado, verificasse a presença - porque aí já importava para nós a presença física do índio. Bom, aí eu voltei e então a coisa foi dividida em duas partes: uma parte era o levantamento, através da Polícia Federal, de possível massacre e outra seria a parte minha, de verificar a presença do índio. Bom, eu fiz o sobrevôo - quando eu vi esta aldeia, mais ou menos fevereiro (86) - e verifiquei esta aldeia. Quando eu voltei... fevereiro, março, abril... eu voltei uns 3 ou 4 meses depois. Como a área é intensamente trabalhada, mais intensamente, eram derrubadas quilômetros, 25 km de comprimento derrubadas, coisa assim. Quando eu voltei na área onde eu tinha visto a aldeia, a maloquinha...

CAR: - Você lembra dentro de que imóvel rural era essa...

SP: - Ah, o nome eu não me lembro... eu não me lembro do nome do pessoal, não. Ali são diversas fazendas, diversos lotes, um monte de lotes e eu sei que esses lotes são licitados pelo INCRA, sabe...

Bom, quando eu voltei aquela área já tinha sido derrubada, então, eu verifiquei... bom, aonde está derrubado evidentemente o índio não está mais, claro. Se ele estiver dentro desta área ele vai estar aonde tem os capões de mata, ainda mata intacta. Aí eu percorri esta área todinha de mata intacta e não encontrei nenhum vestígio, não encontrei absolutamente nada, e conclui no meu lado que, evidentemente, um grupo indígena morou até recentemente ali dentro, dentro da área interditada, mas que devido ao processo intenso de colonização eles foram para fora e estavam fora daquela área até agora.

Esta foi a minha parte. Paralelamente a isto, ainda voltei agora de Porto Velho... ainda recebemos - Porto Velho rece

beu da Polícia Federal qualquer coisa a respeito disto, para ser verificada lá através da... esta é outra parte que entra lá,...mais, é a jurídica, é... com a delegacia regional e quem fez a denúncia do massacre, porque eu não tive acesso a isto, quando eu cheguei já não, pude... eu não vi vestígio nenhum. Quem viu vestígio foi o rapaz que esteve primeiro lá, na época em... onde a mata estava em pé e ele pode ver roça... resto de roça ainda destruída, malocas abandonadas... coisas assim, deste tipo.

Então, ele viu aquilo ali, e chegou à conclusão, eu não sei, porque ... deve ter visto, deve ter tido os seus motivos... de que possivelmente teria ocorrido algum ataque de fazendeiros, de peões, aos índios. E isto ficou para a Polícia Federal apurar e eu fiquei só na parte de verificar. Quando eu terminei o meu trabalho nós tivemos a informação do aparecimento de um índio exatamente a 60, 70 km ao norte da área interditada. Quer dizer, evidentemente eles não podiam mais estar dentro daquela área interditada, claro. Aquele rolo compressor empurrou eles dali, quer dizer, é um caso típico de quando nós sempre chegamos atrasados... praticamente, nós simplesmente ficamos só..., só lamentando as coisas e quase que não se pode fazer quase nada. Agora, tem toda uma parte jurídica... eu não entro nesta questão jurídica, é um departamento à parte, com sua autonomia, né... Tem um inquérito do Departamento de Polícia Federal, etc... Mas,... até tem um negócio gozado, eu recebi até um papel - dado o meu afastamento sempre dos centros, eu fico sem poder acompanhar, sem poder fazer a leitura - mas, eu recebi um Porantim no qual tem uma declaração minha dizendo que... me chamando de, no mínimo, criminoso, porque eu concluí que não houve masssacre dentro da área. E eu não fui lá para apurar massacre, não tenho nada a ver com massacre, quem tem a ver com massacre é o DPF, que vai lá procurar o Marcelo que fez a denúncia do massacre e que teria condições de diálogo, de chegar e conversar, e dizer quem foi, quem não foi... eu não fui ver isto. Isto é uma parte... é policial... é uma parte totalmente policial. Eu fui ver a presença física do índio, se ele estava ali ou não estava ali.

Agora, fora isto... isto não quer dizer que vai desinterditar ou deixar de desinterditar a área. Eu não entro neste mérito agora. Eu solicitei a interdição. O único ato que preserva a área não foi feito pela delegacia regional,

não foi feito por ninguém da área... foi feito por mim, que eu pedi a interdição da área.

Agora, desinterditar a área está além de mim, entra muita coisa jurídica no meio, está fora da minha...

VC: - Nesse caso, a interdição, né, quer dizer,... eu não lembro assim de data, acho que saiu em...

CAR: - Abril ou junho...

VC: - Enfim, começo de abril... quer dizer, a interdição recomenda uma série de coisas, desocupar a área... pi pi pi... enfim, logo depois... quando é que entrou o mandato de segurança ? Quando é que foi a liminar do juiz ?

SP:- Ah sim, ... eles entraram, né... entraram com um mandato de segurança... ganharam a liminar. Aí nós aqui, levamos ao Supremo e ganhamos lá no Supremo, que manteve.

VC: - Agora, a interdição da área não implicaria na paralisação de todas estas que já foram feitas ?

SP: - Na forma... na forma com que estava o decreto, era para paralisar. Mas segundo o próprio... porque aí quem compete cumprir o decreto é a própria delegacia regional, né... Vilhena, né...nem Vilhena conseguiu fazer parar. Quer dizer, a interdição ficou uma coisa muito assim se interditou mas, não aconteceu nada. De fato não houve interdito.

VC: - Aconteceu tudo, né... derrubaram.

SP: - Não, não aconteceu nada em favor do índio, no caso. Eles continuaram a trabalhar como se nada tivesse acontecido.

É essa...

VC: - E ao que tudo parece, foram escolhidas... quer dizer, toda a área aonde teria vestígios de roças, etc...foi a área exatamente derrubada. Uma área de 2.000 alqueires, me parece.

SP: - Olha, eu vi as derrubadas quando eu estive a primeira vez e vi na segunda. São derrubadas tão grandes, e em tantas áreas, que se eu chegar e falar assim: não, ela foi exatamente preparada para isso, - é possível que tenha sido - mas eu sou muito cuidadoso em chegar e acusar as pessoas de estarem fazendo alguma coisa.

Eu acho, que leva a crer segundo toda a história que a gente sabe dos índios, do processo que eles têm passado aqui dentro... que normalmente o índio, quando acontece

um caso como este, ele é sistematicamente perseguido, não tem dúvida nenhuma. O índio é... se você não entra no meio como um mal menor, matam mesmo o índio lá dentro. É possível mesmo que tenha ocorrido isto, mas então, todas as coisas estão no campo das... é possível. Agora, que o índio morou lá, sem dúvida nenhuma, morou. Que a FUNAI sabia? Sabia há muitos anos, anos antes disso acontecer. E que também ninguém tomou providências? Também todo mundo sabe que ninguém tomou providências.

CAR: - Agora, eu me lembro, voltando a este ponto, de ter visto um mapa... o mapa que você fez de interdição da área, sobre o qual o Marcelo plotou as evidências, as roças e tal... eu me lembro de ter um retângulo de derrubadas que superpõe quase que...

SP: - Ah, aquele, pois é... mas ali, eu mesmo que fiz a segunda parte quando eu estive... eu mesmo fiz e por que? Porque a mim não interessava as outras áreas de derrubada, aonde não tinham os vestígios. A mim interessava, justamente, as áreas aonde tinham os vestígios. As derrubadas foram imensas... foi ali... mais ao norte, acima, eu não sei bem como é que eles chamam... Bardon... Fazenda Bardon, me parece - tem derrubada lá de mais de 20 km de extensão de comprimento por, acho que, 4 de largura. Você vê que é uma área muito extensa,... muito grande, não é? ... é isto.

CAR: - Você chegou a, eventualmente, a... eu não sei ... embora eu tenha visto o mapa da tua circulação lá na área, você chegou a... porque nós estivemos entrevistando o delegado da Polícia Federal lá em Vilhena, e ele contou que ele esteve nessa área e constatou, chegou a escrever num relatório, que ele presenciou a abertura de uma estrada, por um trator de esteira, que vai dar na fazenda em cima desses tapiris e que, na ocasião, ele teria se convencido até de que esta estrada de trator de esteira, teria sido aberta exatamente para passar por cima da roça dos índios.

SP: - Isto quem teria dito a você?

VC: - O delegado da Polícia Federal.

CAR: - Ele escreveu sobre isto no seu relatório.

SP: - No meu?

CAR: - Não, no dele. E que, posteriormente, ele mudou de idéia, porque o fazendeiro levou ele lá de novo... e ele mudou de idéia.

CAR: - Eu quero saber se você, por acaso, circulou nesta área onde os vestígios estão plotados e que tem esta estrada de trator de esteira.

SP: - Esta área foi totalmente derrubada. Veja só, o meu primeiro relatório, que foi feito quando estava tudo em pé, pelos caminhos de madeiras, certo ?

Quando eu voltei novamente para ali, aquilo ali você não entra mais. Está tudo derrubado, você conhece o que é uma derrubada, você não entra mais... só se você colocar uma máquina na frente empurrando aquilo tudo... você não entra... ficou fechado. A nenhum lugar mais desses eu tive acesso, não se entrou mais lá dentro... não se entrou mais lá dentro.

Então, eu não tive acesso a nenhum daqueles pontos que eu mesmo, de avião, tinha visto. Eu tinha visto de avião uma roça e um tapirzinho, de meia água, em pé. Quando eu voltei... e eu queria ir lá, quando eu voltei já não existia mais nada, estava tudo derrubado, entende ?

Então, eu passei a procurar aonde ? Nas áreas de mata, onde o mato está em pé. Índio não vai ficar embaixo de derrubada.

Mas, eu ainda acho que o motivo básico de... e eu tenho falado, ainda em Vilhena há poucos dias... eu tenho falado que o esforço nosso era em concentrar e achar os índios. Em achar os índios, a área interditada está a área, nos interessa agora achar estes índios, que a meu ver é um grupo familiar sobrevivente... São sobreviventes mesmo, entende ? Cinco, seis pessoas que sobreviveram, entende ? Ao longo de um processo de extinção que não é de agora, que vem há muito tempo. Estavam ali quando começou o processo de colonização em Rondônia, que foi cada vez oprimindo mais este pessoal, estes grupinhos.

Nós temos diversos grupinhos como este. Dos 45, mais ou menos, grupos que a gente imagina de índios arredios que existem no país, existem grupos que são grupinhos sobreviventes, como este de 6, 8, 10 pessoas até os grupos maiores de 300 ou 350 pessoas e que ainda tem. Lá no Kurubu, lá para cima, como no vale do Cuminapanema e outras áreas onde há grupos maiores.

Então, o mais difícil é você fazer o trabalho com os grupos pequenos. É muito difícil, ele não tem resistência para te oferecer. Então, você sai em busca dele no meio da mata e ele se esconde, aí fica difícil...você...fica aquele jogo.

O grupo grande não. O grupo grande vem, te encara e se apresenta logo. Te ataca... diz que não quer, enfim, te encara, né ?

O pequeno não, desaparece, foge... então fica muito difícil de trabalhar.

Como este tem o caso do Madeirinha, que também é ali perto daquela área. O caso do Madeirinha também é idêntico a este caso. Dentro de uma área de uma fazenda grande, tem um grupo que perambula, entende ? E que tem problemas também deste tipo.

Você vê o caso dos Ava. Você tem 3 ou 4 grupinhos de Ava-Canoeiro espalhados em cada lugar. Você escuta falar que.. apareceu um índio, não sei onde... apareceu um índio a 250 km de Brasília... tem Ava-Canoeiro, de Unai já veio in formação de que Ava-Canoeiro do lado contrário, para o lado de Minas Gerais.

Se a cada lugar desses, onde você ouviu falar da presença, se você interditar, se você interditar essas áreas vai ter realmente um problema muito sério. Então eu, às vezes, acho que a figura da interdição ela às vezes... ela atrapalha. Honestamente eu acho que muitas vezes a interdição ela acaba atrapalhando, porque às vezes é melhor você ficar quieto... quietinho você ir dentro da área, quietinho você vê o grupo... quietinho você dá o contato e no momento que você der o contato, fala: bom, interdita-se a área, eu já estou com o índio aqui. Você evita, às vezes, um problema político, você já pensou você interditar...

VC: - Uma repressão maior...

SP: - Uma repressão maior como no caso, possivelmente, do Omerê que teria ocorrido. Eu não sei se isso ocorreu, eu não tive acesso a este tipo de coisa. Quem viu, a primeira vez que viu, foi lá, foi o moço... o Marcelo, e segundo ele teria...peões teriam dito para ele...houve tiros em cima dos índios... eu não sei, ele tem esses dados, a ele compete, agora, com a abertura de inquérito pela PF, fornecer os dados... irem atrás dos caras, fazerem ou não fazerem, se é que tem alguma coisa.

CAR: - Este inquérito foi aberto ?

SP: - Olha, a presidência da FUNAI solicitou. Eu passei agora por... por... como é que chama ? Por Porto Velho e Porto Velho estava sabendo alguma coisa da PF a respeito, na qual Porto Velho até pediu que a PF se dirigisse para Vilhena, porque aquela área estava subordinada a Vilhena. Então tem alguma coisa andando, mas eu não fui destacado

para olhar isto. É uma outra parte que está com advogado, com a delegacia, com o Marcelo que fez a denúncia, com este pessoal.

Eu era só a questão só: estão aí dentro ? Estão ou não estão aí dentro ? Não, não estão lá dentro, foram empurrados para fora.

Então eu aconselhei a própria delegacia: olha, é uma coisa simples, é um grupo pequeno, não se trata de uma frente de atração, vocês mesmos podem destacar pessoas daqui para tentar ficar fora da área interdita... esquece esta interdição de área, vai lá e acha este pessoal, na área que possivelmente eles estejam.

Eu acho que era o mais importante. A área está interdita e acabou... achava os índios...

O caso Omerê não é nada mais do que, se nós não fizermos uma sistemática de trabalho com relação a índio arredio, casos parecidos com este vão ocorrer um monte de vezes, entende ?

Quando terminado o relatório do Omerê, paralelamente, eu fiz um outro adendo ao relatório, no qual eu pedia à FUNAI exatamente isto: que nós organizássemos este setor de índios arredios dentro de um trabalho sistemático. Vamos levantar sistematicamente. Vamos ver onde que eles estão, que para a gente chegar primeiro que estas consequências todas. É isto.

CAR: - Nós presenciamos, lá em Vilhena, um diálogo entre o advogado dos fazendeiros e o Marcelo, no qual o advogado dos fazendeiros, já sabedor das conclusões do seu relatório, pareceu muito confiante de que a área será desinterditada, com base no fato de você ter afirmado no seu relatório de que você não encontrou os índios lá, e de que você não viu vestígios na área.

Então, eu estou te reportando esta pergunta para te dar uma chance de você também... porque eles estão confiantes nisto.

Eu senti nesta conversa que o tempo todo eles estavam dizendo: não, mas a pessoa que é reconhecidamente no Brasil das mais competentes nesta área, veio aqui e diz que não tem índio aqui.

Com base nisto, eles estão alegando que provavelmente a área vai ser desinterditada e, até animados com isto, continuam trabalhando na área, dizendo o seguinte: é uma questão de tempo e esta área vai ser desinterditada, porque o relator conclusivo de Brasília, que é a autoridade maior,

diz que não tem índio lá.

SP: - Não tem esse negócio de autoridade maior. Um relatório pode ser contraposto a outro.

O que a gente precisa deixar bem claro, que são determinadas situações de determinados profissionais. Eu sou um profissional do índio. Se você me chamar, eu sai por este país a fora diversas vezes, para dar laudo a respeito de área. Tem índio arredio ou não tem, nós queremos construir uma estrada de tal área para tal área, tem índio arredio ou não tem? Então, eu vou lá e verifico, vasculho a área todinha. Tem, não se faz a estrada. Não, não tem, é outra coisa. Ter ou não ter é uma situação muito fácil de você chegar e resolver. Não, tem índio, não se faz a estrada. Não tem índio, faz a estrada.

E numa situação como a do Omerê: tinha índio e não tem mais? Já foge de minha alçada, quem vai cuidar disso é um outro setor, que é o setor jurídico, no qual eu me eximo de dar qualquer opinião porque a jurídica respeita o meu ponto de vista técnico. "O Sidney foi lá, olhou e disse, não, o índio não está aqui dentro." Ou você acha que seria justo, e honesto e correto que eu chegasse e inventasse que teria índio lá dentro, para nós mantermos a interdição?

A interdição pode ser mantida independente ou não, porque uma vez ...qualquer área considerada indígena, uma vez que não exista mais a presença do índio, ela reverte, a terra reverte à União.

Então não tem nada a ver uma coisa com a outra.

O que é preciso é que nos relatórios e nas coisas que a gente faça, a gente faça isto com tranquilidade. O profissional consciente - não, não tem índio - ah sim, então ótimo, vai desinterditar... não, não, bem assim...existem outros aspectos jurídicos a serem aconselhados.

Agora, há uma emoção muito grande que envolve estas coisas. Fizeram o Omerê, já... já tacharam de massacre realmente quando nem foi feito o inquérito ainda, você está entendendo?

Eu tenho um certo receio de falar estas coisas, de tachar as pessoas de assassinas ou de bárbaras ou disso e daquilo se eu não tiver nenhum... eu não fui fazer nada disso lá. Eu não posso fazer estas coisas.

Se fosse lá ... antes de entrar lá dentro nós tivemos uma reunião com os fazendeiros, o delegado regional, eu disse para ele: "Olha, se encontrando índio aí dentro - minha

parte é encontrar índio aí dentro - se encontrando índio aí dentro, vocês não tenham dúvida que vocês vão ter problemas comigo, diretamente comigo, porque aí eu já vou montar uma estrutura ali dentro. Agora, não tendo índio o problema já não vai ser mais meu. É um problema do departamento jurídico.

Agora esta terra, o que se vai fazer ?

Agora, o fazendeiro, lá para o lado dele, a única coisa que eu sei é que eles, por exemplo tem... eles compraram aquilo, foi licitado do INCRA, quer dizer, a procedência é boa também, porque o INCRA é um departamento que é encarregado de fazer esta distribuição de terra.

O que a gente precisa é diminuir as emoções. O meu relatório é um relatório muito frio. Eu acho que, necessariamente, para você defender o índio, você não precisa fazer aqueles libelos - "o desgraçado", "o miserável", sabe ? Você tem que fazer uma coisa profissional, porque até valoriza mais. É uma coisa fria, sensata e daí, a situação é esta. A minha maneira de ver.

VC: - Não era isto. Agora, quer dizer...

SP: - ... foi você. Agora eu posso fazer uma pergunta para você ?

VC: - Só para concluir.

Diz que foram encontrados nove lugarzinhos que teriam sido roças...

SP: - Eu não sei, os lugarzinhos...

VC: - Colhemos depoimentos junto a um peão que trabalhou na abertura da fazenda Guarajuro e diz que, em 80, ele presenciou a visita três vezes dos índios que eram 15 ou 18 - entre homens, mulheres e crianças - trocando açúcar na fazenda, que é bem ali perto do...

SP: - Em 80...

VC: - ...que é bem ali onde seriam as derrubadas, quer dizer, provavelmente... a gente não sabe quantas que existem ainda, talvez uma família só, quer dizer, se forem descobertos estes índios... quer dizer, provavelmente o habitat desses índios seria ali, no coração da fazenda tal e tal, né ? Quer dizer, se for mais de uma família, não sei, se...

SP: - Eu vou te dizer uma coisa, eu, se encontrasse aqueles índios, eu jamais voltaria ali, para eles morarem ali, porque virou pasto. Índio não mora em pasto, a não ser

que, eu vou chegar lá e montar uma estrutura de gado e de boi e eles vão ficar vivendo de leite, bebendo leite, comendo carne... o que não é o caso deles. A área ficou totalmente inutilizada para um grupo de índio arredio sobreviver.

Ficou, porque ela ficou destruída. Ficou boa para fazenda, para pasto, para boi, entende ? Mas para índio ? Índio quer mata, quer caça... peixe... estas coisas e isto foi destruído, tudo lá dentro, eu não sei nem se teria condições. Eu, pelo que eu vejo de índio arredio...

VC: - ... o fazendeiro realmente ganhou esta corrida, foi feita uma interdição...

SP: - Mas é claro ! Você mesmo estava falando em 80.

Porque o grande negócio é o seguinte: não basta você chegar e falar - mas hoje interdita ou desinterdita a área. Vamos pegar o negócio pelas raízes: O que fez a FUNAI, em 1980, quando sabia disto ? Por que não tomou as medidas, as providências ? Onde é que estava a delegacia regional, o delegado regional, os técnicos indigenistas, onde é que estava este pessoal ? Por que na ocasião não tomou ? E, vou mais longe, ... antes de 80 me parece haver relatórios dentro da FUNAI falando sobre a presença de índios ali, de 10 anos atrás, já pegando a década de 70.

VC: - Um ofício do INCRA...

SP: - Então, gente. O que eu quero dizer a vocês é que se nós não montarmos um dispositivo para levar com seriedade a questão desses pequenos grupos - são pequenos grupos familiares que estão numa situação terrível. Quando você vê um grupo, que você encontra estes grupos pequenininhos, de 5, 6, 8 pessoas, eles sobrevivem... sobrevivem porque ... nem sei porque... porque já perderam tudo, você está sabendo que estão desaparecendo, que estão em extinção, que estão morrendo. É um drama terrível deste pessoal, mas eu acho que são grupos tão pequenininhos, sabe ? E a repercussão desses problemas são tão poucas que a FUNAI não leva avante um trabalho sério. O trabalho sério que se tem que levar é fazer um projeto de nós nos anteciparmos a todos estes negócios. Vamos fazer equipes nas delegacias mais importantes, que ainda têm isso, seja: Manaus, Belém, Acre e Porto Velho. Aonde existe este tipo de problemas, monta-se equipes, certo ? De 6, 8, 10 pessoas, unicamente com a destinação de: vamos checar e verificar onde estão estes ín-

dios arredios, daquela região, seja um grupo, seja um homem, seja um grupo de 300, e vamos lá e... oh, está aqui. Então, já vamos começar a tomar as nossas providências. Não é para fazer contatos, é para protegê-los. Eu acho que isto é uma coisa sensata, sabe ?

Agora, depois da FUNAI, através das administrações todas que passaram, deixar que tudo isso aconteça e agora criar um rebu em cima desse problema, como se coisa fosse agora, fosse atual, certo ? De qualquer forma, a única medida tomada em função daqueles índios ali, foi eu que solicitei em Brasília, pedi a interdição da área. Não pode ser uma coisa dessas. Você tem as administrações que é para elas tomarem esta iniciativa. Brasília não sabe das coisas. Como não tem uma programação com relação a índios arredios, não sabe aonde eles estão e em que situação eles vivem, e o que acontece ? Acontece que ela é obrigada a engolir o negócio como o do Omerê, por exemplo:... é não... aí os índios aparecem... aqui... apareceu agora ?

Você está entendendo ? Então eu não tenho o que cobrar.

As outras programações, todas as outras, obedecem um cronograma, têm recursos, têm tudo direitinho. Só a questão do índio arredio que não tem.

Então isto é que tem que ser revisto dentro da FUNAI, para tentar-se proteger este resto que está aí de índios, sabe? São remanescentes, numa situação difícil de sobrevivência, e precisa. Esses são os índios mais carentes que eu acho, no sentido de que, se nós não formos ao encontro das necessidades deles, eles morrem, porque eles não têm um braço político para chegar e dizer: olha, nós existimos, nós estamos lá. Nós temos que ir em busca deles.

É este o tipo de política que eu acho que devia ser implantada há tantos anos e que eu não consigo grandes êxitos.

Não, eu queria só... é.....

FIM